

**A CONQUISTA E AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA DOS
ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA NO PROJETO
ESTRELA DA ILHA EM ILHA SOLTEIRA/SP¹**

**THE CONQUEST AND STRATEGIES FOR RESISTANCE OF THE
SETTLERS FOR AGRARIAN REFORM IN PROJECT ESTRELA
DA ILHA IN ILHA SOLTEIRA/SP**

Glaucia de Oliveira Fialho

Mestrado em Geografia/UFMS/CPTL
glauca.ufms@hotmail.com

RESUMO

A partir de várias informações coletadas em trabalho de campo, procurou-se compreender a vida dos indivíduos no interior do assentamento Estrela da Ilha em Ilha Solteira/SP. Logo, foram observados diferentes aspectos da vida de cada família, sua organização econômica e produtiva, resistências, subordinação, vínculos sociais, sua inserção e participação social em associações e/ou cooperativas. A intenção foi visualizar o camponês enquanto sujeitos sociais em sua totalidade. O relato de vida desses sujeitos assentados no projeto Estrela da Ilha permitiu entender o início da luta e sua formação; a organização no acampamento; a aprendizagem política; a solidariedade, as atitudes para a conquista da terra sonhada; o tempo de espera, seus avanços e limites na terra conquistada e suas estratégias para permanecerem na terra.

Palavras Chave: Organização. Acampamento. Assentamento. Estratégias. Resistência.

ABSTRACT

From various information collected during fieldwork, sought to understand the lives of individuals within the settlement Estrela da Ilha in Ilha Solteira/SP. Soon, we observed different aspects of the life of each family, organization and economic production, resistance, subordination, social ties, social integration and participation in associations or cooperatives. The intention was to view the peasant as social subjects in its entirety. The story of life of these subjects seated on the Estrela da Ilha project allowed to understand the beginning of the fight and his training, the organization in the camp; policy learning, solidarity, attitudes toward the conquest of the earth dreamed, waiting time, its advances and limits on land conquered and their strategies to remain on earth.

Keywords: Organization. Camp. Settlement. Strategies. Resistance.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto da precariedade de uma política de terras que atenda uma fração da sociedade que vive na terra, ou na procura por ela, e que se encontra empobrecida, os sem-terra não tem outra saída a não ser reagir numa luta incessante pela terra, pois para eles este é o sentido da vida: a resistência camponesa. Diante disso, o sentido desta existência encontra-se na constituição e na manutenção de um modo de vida que está claramente ligado a terra, a família e ao trabalho.

Por essa razão, torna-se importante tratar neste artigo sobre o modo de vida camponês, sua flexibilidade de adaptação, o objetivo de reproduzir seu modo de vida e não o da acumulação, tendo ao seu entorno o apoio e a ajuda mútua entre as famílias.

Por conseguinte, nota-se a facilidade em encontrar soluções para ganhar a vida, essas são “qualidades encontradas em todos os camponeses que sobrevivem às crises.” (SHANIN, 2008, p.25).

Ou ainda, como relatam Paulino e Almeida (2010, p.20): “Ao contrário do que pensa a maioria dos intelectuais, desvendar a economia familiar na qual se reproduzem os camponeses, pode ajudar os não camponeses a enfrentar as situações de crise.”

Perante essa realidade, o principal elemento da família camponesa é a comida na mesa, ou melhor, a capacidade de produzir sua autossustentação. Sendo o seu modo de vida que molda o sentido de ser camponês, ele terá em sua essência uma indispensável integração da vida com a família e a produção agrícola.

Deste modo, tem-se como elemento central na produção camponesa: a comida, elemento que divide o trabalho familiar camponês em dois pontos extremamente importantes para o bom desempenho das atividades no campo, onde a mãe decide sobre a produção de alimentos para a subsistência e o pai decide sobre a produção dos alimentos destinados a comercialização, sendo os dois responsáveis pela manutenção da família.

A comida é a fartura do camponês que ele pode oferecer como riqueza aos amigos, fortalecendo com isso os laços de solidariedade. A identidade camponesa se exprime nessa relação de sociabilidade por meio da produção alimentícia que pode oferecer a quem considera amigo, estabelecendo-se vínculos sociais por meio dessa articulação.

Nota-se que a terra não é só lugar de trabalho é, também, da “morada da vida”, lugar dos animais de estimação, das plantações de frutas, da horta e do jardim, enfim, é o lugar do autoconsumo produzido em terra própria.

Objetiva-se neste artigo – que é parte da dissertação de Mestrado em Geografia - pensar a condição camponesa no sentido das iniciativas e potencialidades que conduz a resistência na terra conquistada, ainda refletir sobre as estratégias e as experiências pelas quais as famílias se mobilizam para manter a unidade familiar no campo. Partindo do pressuposto de que a luta pela terra é um capítulo importante na Reforma Agrária, porém ao conquistar o lote o assentado necessita desenvolver estratégias de resistência na terra, logo desvendá-las por meio da pesquisa contribui para entendermos as potencialidades, bem como os bloqueios ao processo efetivo de consolidação da Reforma Agrária.

A metodologia utilizada foi por meio de levantamento bibliográfico de livros, teses e dissertações a partir das obras que se relacionam ao tema. Coletas de dados através de questionários estruturados buscando a construção do perfil das famílias assentadas e entrevistas sobre as formas de produção e renda, organização e comercialização dos produtos da Reforma Agrária. Ao longo da investigação, entrevistamos 52 famílias, e como critério para definição destas famílias, privilegiou-se a trajetória de acampamento. Ou seja, foram escolhidas aquelas que moraram em barracos de lona antes da fase de assentamento, situação que nos ajudou a entender o processo de luta até a conquista da terra, bem como as estratégias para colocar em prática os sonhos acalentados na fase de acampamento, aliados aos novos desafios na estruturação da vida no lote.

A MEMÓRIA DO ACAMPAMENTO “TERRA É VIDA”

Para relembrar os fatos da fase do acampamento “Terra é Vida”, onde viveram as famílias atualmente assentadas no projeto Estrela da Ilha, inicialmente faz-se necessário realizar um breve resgate da formação do município de Ilha Solteira/SP, onde a memória do acampamento e, conseqüentemente, do assentamento se localizam.

Ilha Solteira é um município pequeno com 25.064 habitantes que vivem principalmente das atividades do comércio e da agricultura, localizado a extremo Noroeste do Estado de São Paulo, faz divisa com o Estado de Mato Grosso do Sul.

É uma cidade planejada e reconhecida como Estância Turística. Nasceu em 1968 para abrigar os trabalhadores da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira. A cidade é beneficiada por estar às margens de três importantes rios - o Paraná, Tietê e o São José dos Dourados - com inúmeras praias fluviais que permitem a exploração de esportes náuticos e outras atividades.

Mapa 1-Ilha Solteira no Estado de São Paulo.
Fonte - www.aondefica.com



Foto 1-Vista do município de Ilha Solteira/SP
Fonte - Prefeitura de Ilha Solteira/SP



As visitas ao assentamento e as entrevistas permitiram que relembrássemos o processo organizativo da fase do acampamento que iniciou-se através da organização de pessoas com o propósito de adquirir um pedaço de terra. Esta forma organizativa é descrita por Fernandes (2000, p.63):

Desse modo, as pessoas do próprio lugar iniciam o trabalho de base porque ouviram falar, viram ou leram sobre ocupações de terra, ou seja, tomaram conhecimento por diferentes meios: falado, escrito, televisivo etc. E assim, iniciam a luta pela terra construindo suas experiências.

No ano de 2000, havia um total de 218 famílias a espera por terra em Ilha Solteira, eram famílias moradoras do próprio município, e outras de vários municípios da região. Segundo relatos dos próprios assentados, eram provenientes de cidades como: São José do Rio Preto, Suzanápolis, Mirandópolis, Pereira Barreto, Andradina, Castilho

e Itapura - todas situadas no interior de São Paulo. Nas reuniões organizativas no acampamento optaram por nomeá-lo de Acampamento “Terra é Vida”.

Destaca-se também que algumas famílias já participavam de acampamentos na região de Ilha Solteira e foram convidadas a juntarem-se ao acampamento “Terra é Vida”, pois os técnicos do INCRA - nas negociações - perceberam que o acordo poderia ser mais rápido se essas famílias, que já se encontravam lutando por terra em outras regiões, se reunissem nesta luta.

Corroborando com o entendimento da questão da luta pela terra vejamos as explicações de Borges:

A decisão de entrar na luta pela terra não é tomada da noite para o dia, como uma decisão mágica. É fruto de todo um processo de expropriação/exploração perpassado pela alienação que oculta a eles a sua real condição de expropriados/explorados. No bojo desse processo, porém, está presente a resistência. Acomodante a princípio, essa resistência vai se transformando pouco a pouco em resistência propulsora de um movimento de rebeldia contra a própria condição. E a resignação acomodada torna-se força de luta para a transformação. (1997, p.147).

O acampamento localizou-se às margens da Rodovia Feliciano Sales Cunha (SP-310) próximo ao município de Ilha Solteira, na entrada da antiga Fazenda São José da Barra, em terras que almejavam conquistar. Deste modo, eles permaneceram a maior parte do tempo com dificuldades, mas na esperança de obter paz e tranquilidade na terra conquistada.

Foto 2-Reunião inicial no Acampamento
Fonte - Arquivo, Assentados 2000



Foto 3-Montagem dos barracos.
Fonte - Arquivo, Assentados 2000



Sabemos que todos os acampamentos possuem uma organização espacial característica: as barracas montadas e alinhadas à beira das estradas em forma de ruas; regras para convivência; divisão de trabalho em comissões; um vocabulário próprio; e, sobretudo, elementos dotados de forte simbolismo, o que constitui a marca distintiva, como a bandeira do movimento à frente da ocupação - hasteada em mastro elevado - e a marca principal que denota a forma de acampamento que é a lona preta que cobre os barracos.

Nas entrevistas procuramos entender como foi a fase de acampamento. Há sempre em todos os depoimentos o relato de muito sofrimento, situação bastante compreensível quando analisamos os acampamentos espalhados pelo Brasil, ou seja, as condições em que se encontram em termos de localização e vivência. Vejamos o relato da acampada/assentada Luzia:

Muito difícil. Olha, se fosse agora, eu acho que não teria coragem. Olha, fui morar de baixo de uma árvore, com sapo, cobra, na beira da estrada, sem água. E ainda tinha que pagar cinquenta reais por pipa d'água por semana, para vir encher as latas, os tambores. Aí comprava gelo; por que quem ia tomar água quente!?! (Assentamento Estrela da Ilha, jul/2011).

Há também conflitos externos, violentos, como também conflitos internos, pois muitas vezes os acampados não chegam a um consenso e ocorrem muitas disputas por parte das lideranças e enfrentamentos. Além também de ser notável a rejeição dos acampados pela comunidade que os cercam ou pela população do município onde o acampamento se localiza. Como são ambientes onde a vivência é precária, sem auxílios, alguns acabam desistindo da luta ou migram para outros acampamentos.

Por outro lado, o acampamento não é somente produto de revolta e do desespero, ao contrário, acampar supõe grande maturidade política, organização, coesão, disciplina, sobretudo fé e esperança, não é um aglomerado disforme de gente. É a expressão organizada da miséria e da esperança de que a vitória sobre a fome e a pobreza é possível. Neste sentido, segue o relato do acampado/assentado João: “No acampamento, a gente não tem renda, às vezes eu pegava serviço, tinha que voltar correndo pra lá; se não tiver paciência, desiste.” (Assentamento Estrela da Ilha, jul/2011).

Na fase de acampamento rege os principais elementos organizacionais do movimento, constantes momentos de interação, conscientização e formação política, pois todos querem um só objetivo, de buscarem em conjunto, alternativas para a conquista da terra.

Assim, a luta social no campo passa por um processo de educação e formação das pessoas que dela participa. Começam a serem forjados os aprendizados pessoais e coletivos. Essas forças não fazem parte apenas da luta do movimento, mas sim, da constituição dos sujeitos em ação. Deste modo, o acampamento torna-se a escola da vida em que os camponeses aprendem diariamente o processo de luta.

Não só os sujeitos irão ter noção das formas de aprendizado, como também esse aprendizado se entrecruza com os saberes formados na trajetória de vida desses camponeses. Portanto, há o aprendizado moldado no processo de luta nos movimentos sociais, e outros trazidos de fora dos movimentos, ou seja, contradições que surgem em meio a conflitos e luta de resistência – muitas vezes contradições por parte do movimento que tendem a negar o modo de vida camponês. Dito de outro modo, o acampamento é uma escola para os sem-terra, é a escola da vida, onde vivenciam relações e situações sociais extremas.

Assim, a territorialização dos acampamentos no Brasil foi sendo constituída pelos integrantes do MST, ao longo de seu histórico de existência. A respeito dessa organização Almeida afirma:

No acampamento, as formas organizativas do MST se materializam por meio de grupos de famílias, setores, equipes, coordenadores. Os grupos de base ou grupos de famílias são compostos de 10 a 15 famílias, cuja organização é feita pelo critério proximidade de vizinhança. O objetivo é buscar a maior participação popular em atividades relacionadas com o acampamento e o MST. Cada grupo de base deverá ter um coordenador e um secretário. (ALMEIDA, 2003, p.189).

O MST além de organizar e preparar as pessoas para o processo de luta pela terra acaba por mexer com a visão de mundo daqueles que entram na luta pela primeira vez, como no caso de algumas pessoas que entraram para o Acampamento “Terra é Vida”. Através do relato da acampada/assentada Maria do Carmo é possível entendermos melhor esse processo:

Primeira coisa que foi feito, foi reunião né!? As reuniões na câmara. Aí tinha o padre Renê de Andradina que era a pessoa que deu o pontapé inicial aqui pra nós. Eu ainda falava assim: não, eu não vou me unir com MST não, que eu tenho medo de eles cortar a cerca entrar pra dentro né!? Mas não, não é assim não. A visão da reforma agrária é bem diferente. É que cada um tem um pensamento né!? Mas ali no acampamento cada um pensa de um jeito, só que quando a gente tá em grupo, a gente dá umas coordenadas boa né!? Se tiver uma pessoa pra liderar pro lado errado, aí vai pro lado errado. Mas aqui não, sempre foi pro lado bom! (Assentamento Estrela da Ilha, jan/2012).

Portanto, para o MST, o acampamento tem triplo objetivo: educar para manter mobilizada a base sem-terra; chamar a atenção da opinião pública para a causa da luta pela terra e exercer pressão junto aos órgãos responsáveis pela realização da reforma agrária. Fernandes (2000, p.62) acrescenta que:

Os acampamentos são de diversos tipos: permanente ou determinado a um grupo de família. As formas de pressão são distintas, de acordo com a conjuntura política, bem como as negociações. Essas práticas são resultados dos conhecimentos de experiências, das trocas e da reflexão sobre elas, bem como das conjunturas políticas e das situações em que se encontram as frações dos territórios a serem ocupadas, em diferentes regiões brasileiras. Os elementos que compõem as metodologias são a formação, a organização, as táticas de luta e negociações com o Estado e os latifundiários, que têm como ponto de partida o trabalho de base. As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, os Sindicatos de Trabalhadores Rurais, as escolas e as próprias moradias, são alguns dos principais lugares e espaços sociais, onde se realizam as reuniões dos trabalhos de base.

Partindo do princípio dessa forma de organização, temos a noção de que a combinação de particularidades constitui uma forma social, ou seja, a forma de acampamento. Portanto, os acampamentos podem ser compreendidos como espaços de resistência representando a luta pela terra no Brasil, como forma de pressão para a realização de assentamentos e a concretização da reforma agrária.

Os núcleos são constituídos por setor e as equipes de trabalho são organizadas a partir da existência dos grupos de famílias, devendo ter como critério, na sua formação, a afinidade entre as pessoas. As equipes de trabalho dão praticidade às discussões feitas nos núcleos de setor, são elas que executam as tarefas. Os principais núcleos de setor que funcionam no acampamento são: educação, finanças, saúde, alimentação, segurança, disciplina, liturgia, animação e higiene. (ALMEIDA, 2003, p.189).

Os acampamentos podem ser entendidos como o local onde os sem-terra das mais diversas categorias de trabalhadores estão construindo e formando cotidianamente uma nova identidade como resultado desta resistência.

Tratam de organizar em linguagens próprias suas práticas, buscando legitimar suas lutas para que possam ser lembrados e atendidos em seus objetivos pelo Estado como movimento legítimo de luta que fala pelo povo organizado. A respeito das formas de luta, Fernandes (2000, p.62) explica:

A ocupação é, então, parte de um movimento de resistência a esses processos, na defesa dos interesses dos trabalhadores, que é a desapropriação do latifúndio, o assentamento das famílias, a produção e reprodução do trabalho familiar, a cooperação, a criação de políticas agrícolas voltadas para o desenvolvimento da agricultura camponesa, a geração de políticas públicas destinadas aos direitos básicos da cidadania.

Nos acampamentos rurais, as amizades e a solidariedade são expressas nas formas mais claras, como, por exemplo, a luta coletiva, o que muitas vezes não se observa na vida em assentamentos. No relato do acampado/assentados Sr. Eronides, percebemos bem a diferença do trabalho coletivo entre a fase de acampamento e do assentamento:

Aqui é vamo supor: você localizou o seu cantim, é você cuidando do seu! Porque eles falam que não vai mexer com os outros. Ou se não [...] comunicar com os outros é difícil, ou se não [...] é aquele desmantelo, não bate as ideias, não bate. Eu achava que no assentamento, eu nem falo no acampamento, mas no assentamento eu achava que o povo era mais unido, conversava mais, as coisas era melhor entre todos. Mas não, é cada qual pra si! (Assentamento Estrela da Ilha, jan/2012).

Destarte, no momento do acampamento, os interesses se convergem em uma só direção, que é a conquista da terra sonhada. Portanto, interesse esse que os integra e une. No assentamento, o projeto familiar se sobrepõe.

No Acampamento “Terra é Vida” o trabalho coletivo era muito presente, pois no período em que ficaram à beira da estrada, foram realizadas passeatas na avenida principal da cidade de Ilha Solteira, onde reivindicavam, através de faixas, um pedaço de terra e também que o município concedesse mais incentivo à agricultura. Nas faixas ressaltavam: “Queremos Cultivar a Terra”; “Agricultura Traz: Progresso, Trabalho e Igualdade”; “A Reforma Agrária é muito importante para o nosso município”, entre outras reivindicações.

Foto 4 - Passeata dos acampados pela cidade
Fonte - Arquivo, Assentados. 2000



Com a caminhada, a proposta principal era chamar a atenção dos munícipes para a importância da implantação do assentamento, onde a partir dali, geraria maior desenvolvimento à agricultura e para a economia da cidade de Ilha Solteira.

Em resumo, o Acampamento “Terra é Vida” conseguiu a conquista da terra em 2001, ou seja, num período de aproximadamente um ano e meio de luta, diferentemente de outros acampamentos que podem chegar a durar vários anos de luta sem a conquista da terra, com intenso sofrimento e péssimas condições de vida. O relato do Sr. Joacir, que foi acampado e agora está assentado, retrata a esperança que o acompanhou durante a fase de acampamento: “Teve muita gente que saiu fora, muita gente me falando para eu sair fora do acampamento, porque desacreditava. Mas aqui saiu rápido e graças a Deus eu tô sossegado aqui.” (Assentamento Estrela da Ilha, jul/2011).

Porém, alguns entrevistados em suas falas demonstram que o tempo de luta foi maior, pois já estavam à beira da estrada há oito anos, vieram de outros acampamentos, antes de entrar para o Acampamento “Terra é Vida”.

Deste modo, entendemos que os acampamentos rurais de sem-terra tornam-se território de esperança até como forma de suportar o desafio. Pois ali, haverá a luta por outro território, onde a exploração e a subordinação direta ao patrão não se constituem, ou seja, lugar onde a solidariedade, a busca pela produção para a garantia da sobrevivência sem a intenção de lucro e a autonomia camponesa, irão reger as relações sociais no novo lugar de morada: o assentamento.

Portanto, o acampamento é muito mais do que as lonas pretas à beira das estradas ou dentro dos latifúndios. É uma forma de resistência à exploração e uma bandeira de luta pela reforma agrária na batalha histórica pela desconcentração fundiária.

AS ESTRATÉGIAS PARA PERMANECER NA TERRA

A luta na terra do assentamento será inicialmente travada de acordo com as carências imediatas que podem ser o alimento, a moradia, o financiamento, o trabalho, a educação. Logo, há necessidade de práticas que irão culminar no desenvolvimento de estratégias para uma vida mais satisfatória. Farias ao refletir sobre esta questão, observa:

Geralmente, após um longo período de acampamento, as famílias passam pelo sorteio e finalmente chegam à terra – seu lote – nos assentamentos de reforma agrária, um lugar que traz para o presente um leque de experiências de um passado ainda vivo em suas memórias. Este passado é reinterpretado com elementos do presente por meio do trabalho de lembrar, para isso o sujeito lança mão de referências ainda vivas em sua subjetividade e assim são revigorados os sentidos de lugares de classe -, as redes de relações; o campo e a cidade, presentes no vivido das famílias que apresentam várias andanças. (FARIAS, 2007, p.40).

Portanto, os movimentos sociais, principalmente o MST, possuem grande importância no processo de luta e resistência no Brasil. Através da organização em movimentos, os camponeses têm alcançado conquistas que têm como destaque os assentamentos. Através desse processo, visualizam-se noções e aprendizados que foram adquiridos - ainda na época do acampamento, e que, posteriormente, se materializa nos assentamentos. Como ressalta Oliveira:

Os acampados e assentados são novas formas de luta de quem já lutou ou de quem resolveu lutar pelo direito à terra livre e ao trabalho liberto. A terra que permite aos trabalhadores – donos do tempo que o capital roubou e construtores do território coletivo que o espaço do capital não conseguiu reter à bala ou a pressão – reporem-se/reproduzirem-se, no seio do território da reprodução geral capitalista. (OLIVEIRA, 1990, p. 18).

Neste momento, torna-se importante explicitar mais detalhes de como se deu a conquista deste assentamento no município de Ilha Solteira no interior do Estado de São

Paulo. Como dito, após aproximadamente um ano e meio os acampados - através de várias negociações - foram assentados na fazenda São José da Barra em 2001. Ficaram num espaço provisório de 160 alqueires, sendo que a fazenda possui aproximadamente 2.800 hectares de terra. Em uma assembleia organizada por eles, decidiram mudar o nome que antes era Acampamento “Terra é Vida”, para Assentamento Estrela da Ilha.

Foto 5 - Espaço provisório onde os assentados ficaram
Fonte - Prefeitura Municipal de Ilha Solteira/SP, 2005



Durante o período em que ficaram no espaço provisório de 160 alqueires, houve entre os assentados e os funcionários do INCRA várias reuniões para a tomada de decisão sobre quantas famílias iriam ser realmente assentadas. Naquele momento, a intenção do INCRA, segundo os assentados, era de fazer uma “peneira” e assentar somente 163 famílias. Após várias outras reuniões e da formulação de um abaixo-assinado pelas 218 famílias, onde exigiam do INCRA que assentassem todas as famílias, houve novas propostas do INCRA para assentar mais famílias. Desta maneira, acabaram entrando em acordo devido a desistência de algumas famílias, e assentaram todas as que continuavam na luta.

Após o acordo de assentar as famílias que permaneceram na luta, houve a separação dos lotes no assentamento, sendo essa separação apenas por cordas, onde permaneceram em barracos de lona. Segundo informações dos assentados, tiveram que esperar novamente a vinda dos funcionários do INCRA para oficializar a demarcação das terras e a disponibilização das verbas para darem início a construção de casas.

Foto 6 - Estrada de acesso aos lotes: início da organização
Fonte - FIALHO, GLAUCIA, 2005



Durante esse período de espera pela demarcação exata de suas terras e das verbas para estruturação dos lotes, eles plantaram alguns legumes e verduras e também criaram animais para consumo nos lotes. Contudo, como ainda não estava oficializada a separação dos lotes, os assentados não ampliaram suas plantações, pois muitos temiam que durante o processo de divisão definitiva dos lotes tivessem que sair de onde estavam e, assim, acabariam perdendo o que plantaram. Segundos relatos de assentados, alguns realmente optaram por mudar de área, devido a localização ou a qualidade da terra.

O assentamento começou a ser estruturado no ano de 2005, e, atualmente, no projeto Estrela da Ilha encontram-se assentadas 206 famílias, e cada família possui sua parte da terra que é de 14 hectares. Nessa divisão, está inclusa também a área de reserva legal (20% dos 14 hectares), destinada para a plantação de árvores frutíferas.

Para as pessoas que se encontravam solteiras no assentamento, a área destinada foi equivalente a 3,5 hectares rurais, onde também deixaram 20% para área de reserva legal. Já as pessoas com o terreno às margens do Rio São José dos Dourados, localizado próximo à fazenda, tiveram que preservar a Área de Proteção Permanente, isto é, preservar a fauna e a flora do local.

Foto 7-Localização do Assentamento
Fonte - <http://www.aondefica.com/>



Mapa 2 - Divisão dos 206 lotes
Fonte - UNESP, 2011



As coletas de dados através de dois questionários, um estruturado e outro semi-estruturado - em um total de 25 perguntas – resultaram na construção dos perfis das famílias assentadas, das formas de produção e renda, organização e comercialização dos produtos da reforma agrária, das condições dos lotes, entre outras informações. Foram entrevistadas 52 famílias, e como critério para definição das famílias pesquisadas, privilegiou-se a trajetória de acampamento, ou seja, foram escolhidas aquelas que moraram em barracos de lona antes da fase de assentamento, o que ajudou a retratar o processo de luta até a conquista da terra e o desenvolvimento das atividades para a estruturação dos lotes e permanecerem na terra.

Para melhor caracterização das famílias assentadas, foram levantados dados sobre a idade dos 52 entrevistados, assim, constatou-se que dos 52 entrevistados e responsáveis por seus lotes, 13 possuem idades que variam entre 20 a 40 anos, enquanto, 32 dos entrevistados possuem idades entre 40 a 60 anos, e 7 possuem de 60 anos a mais. Portanto, predomina no assentamento idades que variam entre 40 a 60 anos.

Quando perguntados sobre o nível de escolaridade, percebemos que é muito baixo, sendo que dos 52 entrevistados, 3 responderam que concluíram o ensino fundamental. Porém, 32 assentados nos relataram que não conseguiram concluir o ensino fundamental. Enquanto 7 dos entrevistados responderam que concluíram o

ensino médio e 7 assentados responderam que não concluíram. Por fim, 3 relataram que nunca estudaram.

As famílias assentadas no projeto Estrela da Ilha têm, em sua maioria, origens ligadas à agricultura e à vida rural. Porém, antes de serem assentadas, algumas viviam e trabalhavam no próprio município de Ilha Solteira, outras, nos municípios da região, em trabalhos não agrícolas. Levavam a vida de trabalhadores com baixa renda, sem estabilidade no trabalho, e tendo que migrar constantemente em busca de ocupação e renda para sustentar a família. Outros viviam em outros acampamentos e assentamentos na espera por terra.

[...] pelo menos mais dois outros processos estão acontecendo atualmente. O primeiro, é a criação do campesinato, que acontece em muitos países, entre eles o Brasil, em que pessoas que não são camponeses ou pessoas que são 'sem-terra' recebem terra por meio de políticas de redistribuição fundiária. Há também, então, o processo de criação e recriação do campesinato. (SHANIN, 2008, p.24).

Como no caso da assentada Márcia, nos relatou que fez uma troca de assentamento, e conquistou seu lote em outro assentamento da região, e, através de um acordo com um assentado do Estrela da Ilha, trocou de localidade.

Notamos também uma parcela daqueles que nunca tiveram em seu passado experiência com a lida na terra. São pessoas que optam por uma vida mais tranquila sem submissão a um patrão, ou seja, quer ter autonomia, produção para consumo próprio e/ou para comercialização a fim de manter o bem-estar. Portanto, em suas falas, percebemos que são pessoas que estavam exaustas da vida no meio urbano, do trabalho sem reconhecimento e de salários baixos, pois a vida na cidade tornou-se cara e difícil. Destacam a alegria de terem conquistado uma casa, saírem da dependência do aluguel ou de familiares na cidade. Acreditamos, assim como explica Almeida (2006), que, mesmo que essas famílias não tenham um *habitus*² na terra, elas decidiram viver no assentamento e, portanto, iniciar um processo de fazer-se camponês.

É preciso lembrar que receberam auxílios para a construção das casas. Como os próprios assentados relatam, receberam cerca de R\$ 11.000,00 (onze mil reais) de Crédito Habitação para a construção de suas casas. Explicam que ainda falta o INCRA disponibilizar R\$ 8.000,00 (oito mil reais) para o término da construção e estruturação dos lotes. Receberam também, para iniciar suas atividades, uma verba do Programa

Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar/PRONAF no valor de R\$ 16.500,00 (dezesesseis mil e quinhentos reais) e todo ano pagam uma parcela de devolução desse dinheiro.

Em entrevista feita com uma liderança do assentamento, houve o relato de que algumas famílias acabaram desistindo e vendendo seus lotes em virtude das dificuldades encontradas. Segundo o relato, algumas famílias não conseguiram se adaptar à vida no assentamento, principalmente no tocante à escolha das atividades de produção e comercialização voltadas à geração de renda monetária. Enfim, a busca por estratégias para a permanência na terra, passa por diversos caminhos, ou seja, não há uma fórmula única.

Neste sentido, concordamos com o pensamento de Shanin (2008, p.41) porque ele pode explicar essa situação de desistência nos lotes:

Agora, é uma técnica, uma ocupação ou, se quiser, uma profissão, que as pessoas aprendem desde criança e, sem isso, o campesinato não consegue administrar sua própria casa. Não dá certo simplesmente distribuir terras para as pessoas que não têm todo esse preparo. Algumas pessoas, quando são assentadas, não têm essa habilidade para fazer tantas coisas distintas, e não é nada fácil ensiná-las como fazer. O trabalho é muito complexo, muito profissional, e, sem esta perspectiva, ela não funciona.

Diante do exposto, podemos perceber ao longo da pesquisa que há entre as famílias assentadas heterogeneidade nas formas de produção. Encontramos famílias que produzem em maior quantidade, famílias que produzem pouco e famílias que nada produzem. Como explica Zimmermann: “No cotidiano do assentamento, diferentes formas organizativas voltadas para a produção são criadas e recriadas, numa dinâmica rica de situações, impasses e enfrentamentos.” (1994, p.205).

Além de famílias que conseguem sobreviver só com a produção no lote, há aposentados que vivem da aposentadoria, pessoas que fazem os denominados “bicos” na cidade para complementar a renda, e aqueles que, além da renda de fora como aposentadoria, produzem para o próprio consumo, e ainda os que vendem parte da produção.

Portanto, vale destacar, também que, nas palavras de Chayanov (1974), a divisão do trabalho camponês está entre atividades agrícolas e não agrícolas, e isso não é determinado pela disponibilidade de terra para trabalho, mas sim pelas necessidades que

o obriga a recorrer ao mercado. Assim quando as atividades agrícolas não geram ganhos suficientes, as famílias podem buscar trabalhos não agrícolas - sendo esta uma forma de compensar o pouco ganho em relação à agrícola - para alcançar o equilíbrio interno de forma mais rápida.

O que se observou entre a maioria dos assentados pesquisados é que, prioritariamente, o que os mantém na terra é o desenvolvimento e o desempenho de atividades agrícolas, de pecuária, de autoconsumo e ainda de atividades não agrícolas. Ressalta-se ainda a força de denominar a terra conquistada como morada da vida e terra de trabalho.

Como resultado de uma estruturada luta para a conquista da terra, o assentamento é estudado enquanto um espaço de relações sociais onde as características heterogêneas individuais, homogeneizadas no processo de luta pela terra, ressurgem em bases novas. (ZIMMERMANN, 1994, p.205).

O assentamento Estrela da Ilha conta com três associações e três cooperativas, sendo que uma cooperativa é do próprio assentamento; as outras vêm de cidades vizinhas como Pereira Barreto/SP e Andradina/SP, porém nem todos os assentados estão envolvidos nestes projetos.

Neste sentido, encontramos famílias que desenvolvem suas atividades afastadas dos projetos das cooperativas, elas realizam a venda de gados e também de peixes, a comercialização de peixes se dá principalmente àqueles em que os lotes se localizam próximos ao Rio São José dos Dourados. Em um dos lotes, encontramos o senhor Milton que inclui em sua variada produção, o plantio de eucalipto com a esperança de vender para empresas da região.

Percebe-se que há também uma ampla diferenciação nas questões que envolvem a comercialização do que é produzido nos lotes, em virtude da variedade de produtos, tais como frutas, legumes, verduras, produção animal e a produção da pecuária leiteira.

Porém, o grau de importância da produção realizada no lote é variado, tem relação com a existência de outras rendas como aposentadoria e o trabalho não agrícola, como representado na tabela 1.

**Tabela 1- Relação de assentados entrevistados
e a produção nos lotes**

Produtor: ordem	Produtos produzidos nos lotes	Grau de importância de atividade
1-José	Leite, melancia, jiló, berinjela, abóbora, galinha da Angola	Atividade principal
2-Vanderson	Leite, mandioca e verduras	Atividade principal
3-Manoel	Milho, mandioca, abóbora, mamão	Atividade complementar
4-Edna	Leite, mandioca, batata doce	Atividade complementar
5-Juliana	Leite	Atividade complementar
6-Joacir	Galinha, peru, mandioca, milho, feijão e abóbora	Atividade principal
7-Aldenir	Verduras	Atividade principal
8-Milton	Leite, urucum, milho, eucalipto, verduras	Atividade complementar
9-Ricardo	Leite, urucum, milho, eucalipto	Atividade complementar
10-Bruno	Jiló, berinjela, pimenta, abobrinha, quiabo, rabanete, verduras	Atividade principal
11- Sônia	Leite, porco, galinha, feijão e pepino	Atividade principal
12-Claudio	Bezerros, mandioca, legumes e verduras	Atividade principal
13-João	verduras	Atividade principal
14-Solange	verduras	Atividade complementar
15-Marcelo	Leite, galinha caipira e verduras	Atividade principal
16-Onice	Leite e urucum	Atividade complementar
17- João	Bezerros	Atividade principal
18- Maria	Leite e bezerro	Atividade principal
19- Marlene	Leite, queijo e abóbora	Atividade complementar
20- Miguel	Leite e queijo	Atividade complementar

21-Neuza	Não produz	-
22-Nair	Bezerro, galinha, frutas e verduras	Atividade complementar
23-Luzia	Galinha, abóbora	Atividade complementar
24-Daiana	Nada produz	-
25-Jurema	Frutas, mandioca, galinha	Atividade complementar
26-Márcia	Leite e queijo	Atividade principal
27-Cléber	Leite, verduras e legumes	Atividade principal
28-Denise	pesca	Atividade principal
29-Valmir	Leite, pimenta, berinjela, tomate, verduras	Atividade principal
30-Maria	Verduras e legumes	Atividade principal
31-Regina	Leite, queijo, galinha, porco	Atividade complementar
32-Benvindo	Abóbora	Atividade complementar
33-Ana Lúcia	Leite, porco, galinha	Atividade principal
34-Benedito	Leite, milho, feijão, abóbora	Atividade principal
35-Marcia	Mandioca, melancia, melão, pepino	Atividade principal
36-Eronides	Leite, mandioca, abóbora	Atividade principal
37-Sonia	Abóbora, mandioca, feijão	Atividade complementar
38-Maria do Carmo	Abóbora, pimenta, feijão de corda, milho	Atividade principal
39-Valter	Leite e verduras	Atividade principal
40-Noelito	Leite, Mandioca, galinha, ovos	Atividade principal
41-Geraldo	Leite, mandioca, abóbora, melancia, milho	Atividade principal
42-Aparecido	Leite, banana, mandioca, abóbora e melancia	Atividade principal

43-Luiz	Leite e mandioca	Atividade principal
44-Silvana	Milho, pimenta, jiló, berinjela, feijão de corda e quiabo	Atividade principal
45-Jovino	Leite, porco, galinha	Atividade Principal
46-Fátima	Milho e mandioca	Atividade Principal
47-Maria	Milho, abóbora, quiabo, leite	Atividade Principal
48-João	Leite e milho	Atividade principal
49-Antonio	Verduras e feijão	Atividade complementar
50-Luís	Nada produz	-
51-José	Verduras, galinha, milho e leite	Atividade principal
52-Joana	Verduras e galinha	Atividade complementar

Fonte – pesquisas realizadas no assentamento entre 2011 e 2012.

Diante do exposto, nota-se que há diversidade produtiva no Assentamento Estrela da Ilha, porém o que predomina é a produção da pecuária leiteira e o cultivo de hortas. A produção de legumes e a criação de animais como porco e galinha também é bastante presente nos lotes, tanto para venda quanto para o consumo próprio. Ressaltamos também que os produtos nos lotes variam de acordo com a época para cada produção como exemplos: o leite, alguns legumes e frutas. Destacamos que as entrevistas não foram feitas em uma só época, por isso, notamos várias trocas na predominância de produtos.

Pode se verificar, conforme tabela acima, que no Assentamento Estrela da Ilha grande parte dos assentados vivem somente da renda proveniente de suas propriedades, isto é, mantem-se do que produzem e da venda desses produtos.

Outra parte dos assentados, aproximadamente 38% deles, além de desenvolverem atividades em suas propriedades, também trabalha na área urbana ou até mesmo em outras propriedades rurais, portanto, não caracterizando a produção em seus lotes como atividade principal.

A explicação para tal circunstância, segundo os assentados, é que nem sempre a renda obtida por meio das atividades realizadas em suas propriedades suprem as necessidades familiares, portanto, se veem obrigados a buscarem outros trabalhos para complementação da renda.

Esse fato foi confirmado pelo Sr. Marcelo, que faz entrega de lanches para uma das lanchonetes da cidade e também pelo Sr. Márcio que trabalha em outras propriedades com seu trator para fazer o preparo do solo de alguns lotes.

Geralmente as atividades realizadas fora do campo por esses assentados ou são desempenhadas na construção civil ou no comércio e, algumas mulheres trabalham em casas de famílias como empregadas domésticas.

Outros assentados apenas mantem suas casas no assentamento e não exercem nenhuma atividade no campo. Dessa parcela de assentados, parte obtém renda proveniente da aposentadoria e com ajuda financeira de familiares.

Segundo relatou a Sra. Onice: “Minha filha trabalha e mora fora, e ela mandou dinheiro pra gente terminar de construir a casa, sabe? Fazer de laje, né [...] pra não entrar bicho. Ela sempre pergunta se a gente precisa de alguma coisa, ela ajuda muito a gente.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, inclusive com casos de venda de lote, o que se destaca é que os camponeses demonstram grande habilidade para se adaptar a uma nova vida e aos problemas no campo. Ou seja, são flexíveis e assim buscam soluções e ajustes para permanecer na terra e isto inclui estratégias - propriamente ligadas aos objetivos da reforma agrária.

Na tabela 2 percebemos as diferenças entre os assentados quando relatam o destino de sua produção.

Tabela 2 - Destino dos produtos produzidos nos lotes

Destino da Produção	Nº de Assentados
Cooperativas (leite e PAA)	20
Auto-consumo	6
Venda cidade/feiras	8
Venda no próprio lote	5

Nada Produz	3
Associações	10

Fonte – pesquisas realizadas no assentamento entre 2011 e 2012.

Assim, observamos a heterogeneidade na forma de comercialização da produção. Alguns optam por vender os produtos à comunidade, se deslocando e oferecendo nas casas. Outros por participarem das feiras, uma acontece aos sábados em uma alameda da cidade, e outra que ocorre aos domingos no centro da cidade de Ilha Solteira/SP. E têm os que participam dos projetos do governo como o Programa de Aquisição de Alimentos/PAA para doação simultânea ligada a Companhia Nacional de Abastecimento/CONAB, que ocorrem todas às quartas-feiras em um bairro da cidade de Ilha Solteira e nas associações e cooperativas do assentamento.

O fato de algumas famílias optarem exclusivamente pelo trabalho familiar, algumas até depois de terem por algum tempo atuado em associação ou cooperativa, pode ser explicado pela estranheza a este tipo de organização de cooperação entre os agricultores.

Entretanto, como já foi relatado anteriormente, há famílias que desenvolvem pouca produção e buscam por trabalho não-agrícola, destacando que o assentamento é próximo à cidade - aproximadamente 500 metros de distância - o que facilita a procura por essa alternativa.

Portanto, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, inclusive com casos de venda de lote, o que se destaca é que os camponeses demonstram grande habilidade para se adaptar a uma nova vida e aos problemas no campo. Ou seja, são flexíveis e assim buscam soluções e ajustes para permanecer na terra e isto inclui estratégias - propriamente ligadas aos objetivos da reforma agrária - como a produção de comida no lote, mas também, as atividades não agrícolas e o trabalho fora do lote no comércio como explicado anteriormente.

A flexibilidade camponesa que notamos através dos estudos e observações está em sair de situações não favoráveis tais como a ausência de apoio governamental e de uma assistência técnica adequada, e até mesmo a falta de planejamento dos próprios

assentados. Sendo assim, tornam-se muito importante para o assentamento as cooperativas e as associações como alternativas para a produção dos assentados.

Assim, diferentes formas organizativas voltadas para a produção ou sobrevivência são criadas, porém todas as formas analisadas se traduzem na maior parte dos casos, do camponês estar sempre voltando para seu lar, para a vida no campo.

Desta forma, nas visitas feitas ao assentamento Estrela da Ilha, não podemos deixar de registrar a heterogeneidade no modo de vida que sustenta o projeto de reprodução das famílias. Dito de outro modo, há diferentes racionalidades que os orientam na luta para permanecer na terra, isso significa que não há uma receita, um caminho único para resistir na terra.

Como evidência dessa heterogeneidade basta observar a diferença de estrutura entre algumas casas nos lotes, onde algumas possuem uma estrutura muito favorável; outras foram construídas com o básico disponibilizado pelo INCRA, outras se quer foram estruturadas.

Foto 8 - Diferenças nas estruturas das casas
Fonte - FIALHO, GLAUCIA. 2011





Entendemos, ao longo da pesquisa, que parte destas diferenças não foram produzidas no assentamento, mas já vieram no processo acampamento-assentamento e dizem respeito ao capital econômico, pois algumas famílias antes da entrada nos lotes, possuíam uma reserva de capital. Alguns tinham em seu nome casa na cidade onde efetuaram a venda e investiram no lote, outros trabalhavam em outros ramos, e quando saíram, receberam seus direitos e investiram no lote. Contudo, tem aqueles que possuíam basicamente as roupas do corpo. Neste sentido, vejamos o caso desta assentada: “Eu morava com os meus pais em outro assentamento, foi quando o INCRA me trouxe para cá”.

Nesta diferença de qualidade entre as casas é necessário creditar também aos erros no investimento do recurso liberado pelo INCRA, pois alguns relatos demonstram que o dinheiro repassado não foi utilizado para estruturação dos lotes, preferiram comprar equipamentos, ou animais entre outras opções. Vejamos o relato do Claudio: “O dinheiro repassado é pouco, porém, quem não teve cabeça e decidiu investir esse dinheiro em outra coisa, acabou perdendo e não conseguindo terminar a casa. A pessoa tem que ter cabeça e usar o dinheiro com cuidado”.

Diante do que exposto, e a partir das informações coletadas, podemos afirmar que possuir uma casa aliada à possibilidade de plantar sua própria comida, é o diferenciador a sustentar a permanência dessas famílias na terra, mesmo que parte dessas famílias estejam fazendo prestação de serviços na cidade e outros locais, pois se trata de uma estratégia para conseguir a satisfação das necessidades da família e conseguir permanecer no lote em um momento em que as atividades no campo não estão favorecendo, exemplo: famílias que ainda dividem poços de água, períodos de seca, baixo nível de escolaridade, falta de auxílio governamental e assistência técnica.

Foto 9 - Produção no Assentamento

Fonte - FIALHO, GLAUCIA. 2011



[...] Os camponeses podem nos ensinar uma variedade de coisas que nós não sabemos. A questão de flexibilidade de respostas em face dos desafios e crises econômicas é algo que o camponês pode ensinar àquele que não é camponês, muito mais do que o contrário, como se pode observar em inúmeras situações. (SHANIN, 2008, p.28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de resistência na terra pelos assentados do Projeto Estrela da Ilha em Ilha Solteira/SP, tratadas no presente artigo, são demonstrações claras da flexibilidade camponesa em resposta a situações não muito favoráveis. Famílias que dividem poços de água em períodos de seca, baixos níveis de escolaridade, falta de auxílio governamental e assistência técnica. Portanto, nota-se que algumas famílias já encontraram seu próprio caminho - independente das alternativas encontradas em dividirem-se entre atividades agrícolas e não-agrícolas - assumiram o controle do próprio destino com autonomia, podendo optar pela melhor forma de (re)produzirem na terra com diferentes formas de comercialização da produção nos lotes. São a prova de que é possível pensar na permanência camponesa na terra conquistada.

Nota

¹ Este artigo é parte da minha dissertação de Mestrado, concluído em março/2012, pela UFMS, intitulada: AS ESTRATÉGIAS PARA PERMANECER NA TERRA: os assentados do projeto Estrela da Ilha em Ilha Solteira/SP.

² Bourdieu, (2000): *habitus* é um *modus operandi*, condição operatória, que é fruto da experiência acumulada historicamente, sendo isto não uma regra, mas uma disposição que permite decifrar a ação.

BIBLIOGRAFIAS

ALMEIDA, Rosemeire A. **Identidade, Distinção e Territorialização: o processo de (re)criação camponesa no Mato Grosso do Sul.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2003.

ALMEIDA, Rosemeire A. **A Sociologia da Prática de Bourdieu e o Campesinato.** Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Três Lagoas/MS, v. 1, nº3, ano 3, maio 2006.

BORGES, Maria Stela Lemos. **Terra: ponto de partida, ponto de chegada: identidade e luta pela terra.** São Paulo: Anita Garibaldi, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CHAYANOV, Alexander V. **La Organización de la Unidad Económica Campesina.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e Sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária,** Revista NERA, Presidente Prudente, Ano 10, nº11, pp.33-47, Jul.-Dez./2007.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimento social como categoria geográfica.** Terra Livre, São Paulo, n.15, p.59-85, 2000.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A geografia das lutas no campo.** 3ªed. São Paulo: Contexto, 1990.

PAULINO, Eliane. T., ALMEIDA, Rosemeire A. **Terra e Território: a questão camponesa no capitalismo.** São Paulo: Expressão popular, 2010.

SHANIN, Teodor. **Lições Camponesas,** In: PAULINO, E.T; FABRINI, J. E. (orgs.) et. al. **Campesinato e Território em Disputa.** São Paulo: Expressão Popular, 2008. 496p.

ZIMMERMANN, Neusa de Castro. **Os Desafios da Organização Interna de um Assentamento Rural.** In: MEDEIROS, Leonilde (orgs.) ET. al. **Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar.** São Paulo: Unesp, 1994.

WOORTMANN, Klaas. **Com Parente Não se Neguecia: o campesinato como ordem moral.** Anuário Antropológico, nº 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

Recebido em 29/05/2013 Aceito para publicação em 26/01/2014.
